

A ÁRVORE DOS MATERIAIS DIDÁTICOS E PARADIDÁTICOS PARA O ENSINO DE LÍNGUA

Altaci Corrêa Rubim - Professora Dra. Altaci Corrêa Rubim. Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP/UnB, e-mail: altacirubim@gmail.com.

Glademir Sales dos Santos - Professor Dr. Glademir Sales dos Santos. Assessor técnico de Educação Escolar Indígena/Secretaria Municipal de Educação-SEMED Manaus, e-mail: gsalesdossantos@gmail.com.

RESUMO

O presente artigo é resultado da disciplina Produção de Material Didático para o Ensino de Línguas, do curso de Pedagogia Intercultural Indígena. Esse curso é uma ação do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica da Universidade do Estado do Amazonas (Parfor-UEA), em São Paulo de Olivença-AM, do qual fazem parte professores das etnias Ticuna, Kokama e Kambeba. A análise do processo de elaboração do material didático para o ensino de língua indígena se fundamenta no método heurístico, que considera a visão social dos povos indígenas, como base epistemológica da educação escolar indígena. Os resultados indicam que as discussões teóricas e metodológicas auxiliaram os professores a redefinirem os critérios empregados na criação de materiais didáticos, pois passaram a considerar as práticas sociais da comunidade indígena na confecção dos produtos pedagógicos.

Palavras-chave: Material Didático; *Poiesis*; *Praxis*.

ABSTRACT

This article is the result of the discipline Production of Teaching Material for Language Teaching, of the Indigenous Intercultural Pedagogy course. This course is an action of the National Plan for Training Teachers in Basic Education at the State University of Amazonas (Parfor-UEA), in São Paulo de Olivença-AM, which includes teachers from the Ticuna, Kokama and Kambeba ethnicities. The analysis of the process of preparing teaching material for teaching indigenous language is based on the heuristic method, which considers the social vision of indigenous peoples as the epistemological basis of indigenous school education. The results indicate that theoretical and methodological discussions helped teachers to redefine the criteria used in the creation of teaching materials, as they began to consider the social practices of the indigenous community in the creation of pedagogical products.

Keywords: Instructional Materials; *Poiesis*; *Praxis*; *a árvore dos peixes*.

INTRODUÇÃO

O processo de elaboração de material didático está intrinsecamente relacionado com os critérios objetivos, no campo das lutas pela classificação dos conhecimentos dos povos tradicionais, criados didaticamente no plano da educação escolar indígena por meio da memória. A análise dos procedimentos metodológicos, empregados na criação do material didático indígena, resulta de um trabalho prático, elaborado no período da disciplina, Produção de Material Didático para o Ensino de Línguas, do qual fazem parte professores de etnias Ticuna, Kokama e Kambeba. Participaram da construção das atividades pedagógicas, principalmente os professores ticunas, pois eram a maioria do curso.

A interpretação dos professores-pesquisadores, com base na noção de pertencimento a um povo, revela que a feitura do material didático deve propiciar aprendizagem autônoma aos estudantes, por meio do ensino da língua. Nesse sentido, a pesquisa evidencia a constituição do material didático, assentada numa epistemologia, que relaciona esses critérios com os conceitos das categorias *poiesis* e *praxis*. Estas se configuram empiricamente, com um olhar consciente e crítico do processo de elaboração de materiais didáticos, a fim de facilitar a dinâmica do fortalecimento da identidade, da língua e da cultura dos respectivos povos indígenas.

A disciplina Produção de Material Didático para o Ensino de Línguas, com carga horária de 60h, foi ministrada para as turmas SPD14_To2 e SPD14_To1, do Curso de Licenciatura Pedagogia Intercultural Indígena, por meio do Parfor, no período de 14 a 24 de julho de 2018, no município de São Paulo de Olivença-AM. Essa disciplina objetivou compreender os fundamentos do processo de criação de materiais didáticos, com o propósito de orientar a dinâmica da produção dos conhecimentos tradicionais dos povos indígenas e ofertar alternativas para aplicação pedagógica dos conteúdos na prática de ensino e aprendizagem.

Durante as aulas do componente curricular, observamos, numa perspectiva de consciência crítica da linguagem, presente no processo de letramento da língua, a materialização dos critérios objetivos que são os elementos de identidade e de cultura (conjunto de fabricação de tecidos: paneiro, chapéu, tipiti, fabricação de artesanatos,

fabricação de cerâmica, arcos, flechas, desenhos e miniaturas de aves, animais, dentre outros), elementos que expressam a cosmovisão de cada povo.

Os critérios apresentados pelos acadêmicos se caracterizam como essencialmente identitários, reveladores de autodefinição, de sentido de pertencimento e de autoestima. Expressam, de modo particular, a cosmovisão e a existência diferenciada dos povos Ticuna, Kokama e Kambeba. Esses aspectos facilitaram a compreensão e o sentido da construção dos materiais didáticos. O artigo está dividido em quatro partes: i) sistematização do processo de elaboração de material didático para línguas indígenas; ii) *poieses* e *praxis* dos materiais didáticos; iii) metodologia que embasou a pesquisa e iv) considerações finais.

SISTEMATIZAÇÃO DO PROCESSO DE ELABORAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA LÍNGUAS INDÍGENAS

A visão social dos povos indígenas indica a relação intrínseca existente entre a natureza e os indígenas. De acordo com esse grupo cultural, as árvores possuem donos, pai, mãe, guardiões e espíritos que comandam as frutas, as cascas, as raízes e outros. No entanto, cumpre ressaltar que cada povo se relaciona de maneira distinta com esses donos. Em face disso, o material didático, produzido pelos professores indígenas, inspirou a escrita deste artigo, com o intuito de descrever e analisar o processo de construção e da materialização das histórias antigas vivas dos povos indígenas.

Os livros didáticos são produzidos pelos professores indígenas, de forma interdisciplinar com variados conteúdos, pois servem para o ensino e aprendizagem da língua indígena, assim como para ensino e aprendizagem de componentes curriculares de escolas indígenas, cuja finalidade é orientar professores em sua prática pedagógica e alunos no seu processo de ensino e aprendizagem.

Os paradidáticos são produzidos também por professores indígenas, mas com conteúdos temáticos: histórias de origem, tipos de remos, frutas e plantas medicinais que contribuem de forma significativa para o aprofundamento de temas que o livro didático não dá conta. O fato de que no Amazonas elabora-se mais paradidáticos do que materiais

didáticos para as escolas indígenas é uma realidade que está mudando com a formação de professores.

Na condição de docentes, foi gratificante, no campo da pesquisa, percebermos a transposição dos aportes teóricos para as práticas escolares, sem perder de vista os princípios basilares da Educação Escolar Indígena. Nesses termos, a sistematização da linguagem de cada povo, ocorre mediante a memória, entendida como virtude (força), o que torna os aspectos da memória, emergentes na relação dos indígenas com o passado, sendo atualizada no presente por meio da sua organização social, que inclui a produção do artesanato, da dança, da música, das plantas medicinais, das comidas típicas, dentre outros elementos, de acordo com a cultura de cada povo. Para Seixas (2001), a memória, em função do presente, possibilita aos agentes sociais de grupos heterogêneos aprenderem o mundo circundante e reconstruírem a identidade, na busca por direitos de reconhecimento. O autor acrescenta que “a memória é ativada visando, de alguma forma, ao controle do passado (e, portanto, do presente)” (SEIXAS, 2001, p.89, grifo do autor), portanto, “reformular o passado em função da presente via gestão das memórias significa, antes de mais nada, controlar a materialidade em que a memória se expressa” (SEIXAS, 2001, p. 89).

Diante desse contexto, a memória, no sentido operacional da educação escolar indígena e do fazer indígena, tem o propósito de sistematizar o passado de forma pedagógica e visualizar o passado no presente, para marcar a autodefinição, por meio da produção do material didático, do desenho, da pintura, da elaboração de frases, de palavras, dentre outros. Estabelece-se a conexão, entre a educação indígena (saberes apreendidos no cotidiano da vida da aldeia) e a educação escolar indígena (local de diálogo intercultural entre conhecimento ocidental e saberes tradicionais), de forma articulada e vivenciada.

Os saberes guardados na memória são sistematizados e representados nas várias formas de materiais didáticos, de modo que lhes atribuem o valor social e qualificam o processo de ensino e aprendizagem, com vistas à autonomia política do professor e dos membros de uma organização étnica. Essa organização constitui a fisionomia de um povo, por vezes, redefine a lógica da economia social do trabalho e do serviço, segundo os interesses de um povo ou unidade associativa, nesse caso, dentro da interação entre *poiesis* e *práxis* dos habitantes da região indígena, cortada pelo Rio Solimões.

Em conformidade com o pressuposto epistemológico da categoria *práxis*, a linguagem pedagógica se apresenta em forma de *ethos*. Este se exterioriza, antes de uma visão teórica de mundo ou de um componente curricular, porquanto é uma posição existencial, ou seja, uma maneira de se comportar na Terra, que se manifesta de forma *pré* (científica, filosófica, sociológica e antropológica). Desse modo, a compreensão prévia do conhecimento sistemático é vista nos laços afetivos; no espaço território de caça e de pesca; no espaço da maloca e da floresta; nas relações da aldeia e da comunidade; nos momentos de alegria, tristeza, nascimento, morte; no desenvolvimento da criança e na formação do homem e da mulher indígena.

Enfim, é a existência no cotidiano da vida, nas regras sociais e na subsistência da “comunidade”, ou “aldeia”. Essa posição da vida cotidiana é propositiva no campo pedagógico, pois está disposta à interpretação do professor indígena, protagonista da posição existencial. Por esse motivo, a vida cotidiana se configura no estabelecimento de unidade associativa de um modo próprio, fundada na união de um ou mais povos indígenas, constituindo, desse modo, o sentido de ‘proximidade’ (DUSSEL, 1977).

A categoria ‘proximidade’ denomina o encontro entre pessoas, que intencionalmente planejam e organizam sua forma de vida coletiva. Nessa relação, estabelece-se outra relação que é de *proxemia*, que indica encontro, relação das pessoas com as coisas e com o mundo que as circunda, repleto de recursos naturais, reconhecidos como produtos das relações com as coisas. Nessa relação, aparece os ‘critérios culturais’, ou seja, o artesanato, a dança, a música, as roupas típicas e os adereços.

Tudo isso é produção, é *poiesis* e fazer criativo. Essas categorias foram utilizadas, na tese de Santos (2016), para apreender o sentido da *práxis*, no campo político das lutas indígenas, em contexto diferente do Estado do Amazonas, que encontra lugar privilegiado na produção do material didático, porque é onde funciona a Educação Escolar Indígena. Sob essa ótica, passamos a organizar as informações contidas no material didático produzido pelos acadêmicos de Licenciatura em Pedagogia Indígena e percebemos que a *poiesis* e a *práxis* da relação social são a base que define a organização e o funcionamento do grupo étnico.

Essa fase consistiu em identificar em que condições da *práxis* dos professores indígenas formam o discurso acerca das condições de saída para outro estado. Segundo Ricouer (2006, p. 215, grifo do autor), as “[...] intempéries [circunstâncias, relações tensas, conflitos, acidentes naturais, grifo do autor] definem as *condições de saída* de uma experiência negativa do menosprezo”, em função das causas políticas, econômicas, sociais, ambientais e, até mesmo, religiosas, instituídas por cada contexto.

Uma das condições encontrada na produção do material didático é a linguagem do cotidiano dos povos indígenas, que se encontra nas histórias de origem dos povos, nas histórias de origem dos peixes, nas narrativas, nas poesias, nas músicas, nos sopros, nos assobios, no plantio e na colheita, na produção de artesanato, na produção de tecidos (abano, cestos, peneiras), na caça, na pesca, na dança, nas comidas típicas, nos remédios medicinais, nas bebidas típicas, nas festas, nos rituais, nos *ikaros* (canto dos pajés, do rezador, do curandeiro). É, pois, no dia a dia que identificamos as culturas vividas pelos povos.

Já no espaço da universidade, a linguagem acadêmica se encontra no material didático, de caráter propositivo, tendo em vista o cumprimento da condição principal, que é promover a inteligibilidade e enunciar significados, pertencentes à vida na aldeia, como forma de interpretar a condição de uma linguagem pedagógica. Portanto, essa linguagem constitui um ato de fala do acadêmico indígena, carregado de consciência cultural, em outras palavras, uma afirmação de si, que vigora no processo de descobrir-se como pessoa, acompanhada da autoestima de si mesma, revelada no discurso estético do material didático e no uso.

A POIESES E A PRÁXIS DOS MATERIAIS DIDÁTICOS

A *poiesis* dos materiais didáticos é uma construção social, porque se baseia na interpretação de um contexto de luta e de classificação do conhecimento (BOURDIEU 2006), que traz o enfoque de uma abordagem operacional e pedagógica para o ensino de língua. Essa operacionalidade dos materiais didáticos decorre de um processo técnico, de acordo com uma perspectiva de Heidegger (1995, 2002), que traz o termo *technè*, conceito

não exclusivo do fazer, mas do saber. Tais saberes precisam ser reconhecidos pelos professores indígenas e caciques como tradicionais de cada povo.

Na prática dos povos indígenas, a técnica de se criar materiais didáticos tem estreita relação com os recursos da natureza ou elementos naturais, provenientes do território de interação social. Significa dizer que a prática do fazer e produzir exprimem sentidos construídos na vida coletiva. Nesse aspecto, o sentido da *poiesis*, aqui, é a própria produção criativa, elaborada por meio dessa relação.

Em contrapartida, a *práxis* se constitui de um conjunto de ações relacionadas à produtividade, ocorridas em diferentes momentos e espaços ocupados pelo diálogo, pela fala, ou pelos atos de fala, durante os encontros, as assembleias e as reuniões específicas de cada organização indígena. Cumpre assinalar que a *práxis* acontece não só no espaço acadêmico, mas também nos espaços das escolas indígenas, com base na interpretação de que os sujeitos da ação social e ambiental participam da elaboração dos materiais didáticos, por expressarem sua identidade e seu modo de vida.

Nessa conjuntura epistemológica, o professor, enquanto sujeito dessa construção, assume uma consciência de linguagem crítica na sistematização do conhecimento pedagógico. A esse respeito, Bourdieu (2006, p. 113) defende que a linguagem se constitui, específica e distintamente de *critérios objetivos* e *mentais* sobre determinado povo. Com efeito, esses princípios são essenciais para a elaboração dos materiais didáticos, destacados nos temas e na confecção de cada material.

Os *critérios objetivos* se relacionam com as produções tradicionais do povo, como, por exemplo, artesanato, bebidas e comidas típicas, instrumentos de caça e de pesca, danças, cerâmicas e elementos utilizados na feitura da canoa e do remo. Quanto ao campo lexical dos tecidos, destacamos: tipiti, abano, peneira, chapéu e brinquedos tradicionais (pássaros empalhados), além disso, citamos os vocábulos vinculados à corrida dos animais, aos jogos pedagógicos indígenas, aos grafismos, às roupas tradicionais, dentre outros produtos. Logo, o fazer específico e criativo de cada povo se manifesta na *poiesis*.

Os *critérios mentais* se relacionam com as narrativas, denominadas de contos, pajelanças, rezas, cantos e danças, estas, por sua vez, fortalecem a conexão com a “mãe terra”. Também vale mencionar os espíritos dos ancestrais, instituídos nas plantas

medicinais, os conhecimentos dos pajés, dos anciãos e das anciãs, que são passados de geração a geração, por intermédio da língua e da linguagem.

Fundamentada nos *critérios mentais*, *A árvore dos peixes* apresenta uma história antiga e viva do povo Ticuna, que foi transformada em material paradidático, contribuindo para o ensino e a aprendizagem da língua do referido povo. Os professores relataram a existência de uma árvore muito antiga, chamada *Ngewane*, que produz peixes, e *Yewae*, a cobra grande, que cuida dos filhos, e só os libera para desovar durante a piracema (período de reprodução dos peixes).

A *árvore dos peixes* cria animais como jabuti, jacaré, tracajá, veado, queixada, cutia, macaco, tamanduá, tatu, anta, capivara, cobra, calango, cutia e, ainda, aves. Há também outras árvores com o mesmo poder de *Ngewan*, por exemplo, a samaumeira, que gera o peixe boi; o louro e o tüütü, que geram a queixada e o macaco barrigudo, respectivamente.

NGEWANE, A ÁRVORE DOS PEIXES

Ngewane é uma árvore encantada que existe desde o princípio do mundo. Ela é grande, assim como uma samaumeira, e tem leite, assim como o tururi e a sorva. Cresce em lugares distantes, difíceis de se encontrar: nas cabeceiras dos igarapés, nos igapós e na beira dos lagos. Quando chega o tempo, depois das chuvas e ventos, as folhas desta árvore caem e no seu tronco começam a aparecer pequenos ovos, parecidos com ovos de rã. Os ovos se transformam em lagartas, muitas lagartas, que sobem pelo tronco e andam até os galhos para comer as folhas novas. Aí elas vão crescendo, crescendo, durante uns dois ou três meses. De repente, as nuvens se juntam para chover, e começa a tempestade. Os raios e os trovões fazem as lagartas descenderem e entrarem nas raízes da árvore. Suas cascas, como algodão, ficam soltas sobre as sapopemas. A chuva vai aumentando [...]. O *tüütü* gera a queixada e o macaco-barrigudo. A samaumeira gera o peixe-boi. O *ngewane* existe para a natureza nunca se acabar, para nunca faltar alimento. Para os peixes e outros animais se multiplicarem e povoarem a terra (GUEDES; SOUZA, São Paulo de Olivença, 2018, p.28).

A *Ngewane* é uma das histórias que correspondem aos *critérios mentais*, por retratar a memória e a visão social do povo Ticuna, razão pela qual foi escolhida para ser transformada em paradidático. Os professores coletaram várias histórias com os anciãos e as anciãs, a saber: a história do surgimento dos tipos de remos Ticuna, as histórias dos donos das plantas medicinais e a origem das frutas, dentre outras. A *árvore dos peixes* foi a história selecionada para ser analisada, porque expressa a relação dos recursos naturais com a

língua, que envolve a fauna, a flora, a água, os peixes, as aves, a terra, o vento, o raio e o trovão.

Essas árvores existem para que a natureza não se acabe, para que não falte o alimento e para que continue a multiplicação de peixes, dos animais e das aves. Segundo a cosmovisão Ticuna, quando chega o período de chuva, o vento sopra as folhas dessas árvores, que caem no tronco e se transformam em vários tipos de peixes, de todo tamanho, com escamas, com couro e com casco (por exemplo: pacu, bacu, sardinha, tucunaré, curimatã, surubim, tambaqui, pirarucu, chorão, branquinha, pirarara, arauanã, barbachato, bacu pedra, bodó, dentre outros).

O material didático, produzido com fundamentos da visão heurística, fortalece a identidade, a língua e a cultura, além de aperfeiçoar o olhar crítico dos alunos em sala de aula. É de se verificar, por exemplo, o discurso de denúncia expresso pelos professores indígenas na elaboração do material didático, quando relatam a invasão dos pescadores de grande porte nos lagos, os quais saqueiam não só os peixes grandes, mas também os pequenos, o que causa o sumiço desses animais. Por essa atitude constituir uma representação denunciadora, a imagem pode simbolizar uma perspectiva viva da força da comunidade, instituída na linguagem comunicada pelos anciãos, lideranças e professores, que alertam para a importância da preservação de lagos, rios, ressacas etc.

A experiência, vivenciada com os professores Ticuna, na exposição dos trabalhos em sala de aula, comprova que eles debatem problemas de natureza ambiental, sobretudo, a retirada de madeira de seus territórios por madeireiros. Essa atividade se configura na ilustração, na criação do material didático, quando os professores retratam o envolvimento de parentes, persuadidos por operadores dos setores do Estado e por donos de madeiras, que os transforma em mão-de-obra para a retirada de madeiras, dentre outros recursos naturais. Ademais, numa linguagem crítica (NICOLAIDES, 2011), enfatizam a importância da preservação e citam outros problemas relacionados com o Estado e a etnicidade.

No caso de *A árvore dos peixes*, o material apresenta, especificamente os critérios objetivos e mentais, em vista de retratar a origem dos peixes na cosmovisão Ticuna, por meio da prática pedagógica de ensino e aprendizagem da língua. Ao mesmo tempo, o material produzido torna-se um instrumento de manifestação de posição política, com o intento de

possibilitar à criança e ao adolescente a ampliação de uma consciência crítica e histórica, advinda da relação dos agentes sociais com os recursos naturais.

Ao analisar o material didático produzido, durante a ministração da disciplina, sob um olhar heurístico, observamos que, tanto na composição quanto na disposição das partes estruturais do paradidático, existe harmonia entre os materiais e as formas estéticas, por indicar referências de sentido do cotidiano, o que caracteriza um mundo em contínua construção. Na verdade, são referências de sentido, promotoras de articulações entre disciplinas de conhecimentos, conjugadas com o ambiente sociocultural e político de aprendizagem. Por consequência, relacionam o mundo de *poiesis* e *praxis* dos povos indígenas e redefinem o sentido de serviço e trabalho no âmbito das políticas públicas, principalmente com o Estado.

A *poiesis* e a *práxis*, denominados de critérios organizadores da identidade coletiva, também oferecem ao campo da educação princípios basilares para o processo de ensino e aprendizagem, colaborando na elaboração de diretrizes e matrizes curriculares em consonância com as especificidades indígenas. Convém salientar que cada pessoa tem a identidade construída nas anuências das relações sociais, as quais requerem permanentemente atitude de respeito mútuo, valorização da singularidade, proveniente da autodefinição e das mais diversas formas de associação (BRASIL, 2013, p. 279).

Portanto, as formas associativas indígenas destacam experiências que constituem a *práxis*, com características de autodefinição, apoiadas em critérios de identidade indígena. Desse modo, a *práxis* compreende os modos de serem gerados pela proximidade das pessoas numa atitude reflexiva, construída pelas experiências e atividades vitais, que se manifestam nas línguas e nas expressões de saberes dos povos e de comunidades tradicionais. Em vista disso, esse conjunto de experiências e situações construídas passam a formar uma epistemologia do fazer pedagógico, fundamentado numa polissemia de coisas e palavras associadas a esses saberes.

METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos, desta pesquisa, foram aplicados durante a disciplina Produção de Material Didático para o Ensino de Línguas, do curso de Pedagogia Intercultural Indígena, ministrado por meio do Parfor-UEA, em São Paulo de Olivença no Alto Solimões, interior do Estado do Amazonas, do qual fazem parte professores das etnias Ticuna, Kokama e Kambeba.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico (HAGUETTE, 1992), por descrever o universo de produção de material didático indígena, elaborado pelos professores do curso de Pedagogia Intercultural Indígena. A interpretação dos professores-pesquisadores, fundamentada na consciência de pertencimento a um povo, explica que a elaboração do material didático, aqui apresentada, manifesta uma proposta de aprendizagem autônoma no ensino de língua. Nesse processo, os anciãos exercem o papel principal, por terem, na memória, os caminhos dos antepassados (na terra e no céu) e das narrativas contadas por eles.

As histórias, advindas da memória de anciãos e anciãs, foram coletadas pelos estudantes indígenas Ticunas, por meio de gravação com o auxílio do celular. Depois, foram transcritas e traduzidas para a língua portuguesa. Salientamos que o processo de coleta das histórias exigiu muita atenção, pois os anciãos levam um tempo para contar as narrativas. Todas as histórias coletadas pertenciam à língua Ticuna, língua materna da maioria dos professores, depois foram transcritas para o português como segunda língua. Os professores destacaram a dificuldade de traduzir os nomes de algumas árvores para o português, haja vista saberem apenas em Ticuna.

O curso se dividiu em dois períodos, a saber, presencial e não presencial. No período presencial, os professores participavam das aulas teóricas, no período não presencial, os professores colocavam em prática as teorias aprendidas. Num esforço de melhorar a prática pedagógica, os docentes seguiam as orientações recebidas nas etapas presenciais do curso.

Ao considerar os referidos aspectos, ressaltamos que os professores receberam as orientações para repensar o processo de elaboração de materiais didáticos, durante a

disciplina Produção de Material Didático para o Ensino de Línguas. No nosso entendimento, passaram a ter uma visão geral de como precisa ocorrer a criação dos materiais didáticos. Além disso, passaram a entender que, cada tema escolhido para estar no material didático precisa ter uma origem e um objetivo e, no caso dos povos indígenas, a origem está na memória, nos critérios objetivos e mentais de identidade e na visão social do povo conectada com o ambiente e com todas as práticas sociais realizadas por eles.

CONSIDERAÇÕES PROPOSITIVAS

Pelo exposto, entendemos que considerar o cotidiano das práticas indígenas no processo de ensino e de aprendizagem possibilita condição para a eleição de novos constructos teóricos, que objetivam organizar uma epistemologia teórico-metodológica de ensino. Um recorte epistemológico, proveniente dos discursos de acadêmicos indígenas, propicia a produção e o uso de material didático de acordo com os espaços de educação indígena, com destaque para o estudo da língua e da cultura.

No que diz respeito à aplicação dos critérios objetivos e mentais, extraídos da memória, que trazem o passado ao presente por meio da língua, estabelecemos o caminho teórico para ser projetado o processo de elaboração dos materiais didáticos indígenas. Foram esses dois critérios que serviram para embasar a sistematização do material didático pela memória e pelo fazer criativo. Nesse sentido, a *poiesis* contribui para o fazer criativo, único e específico de cada povo. Mesmo que todos os indígenas da Amazônia fabriquem canoa e remo, cada povo tem a sua forma de construí-los; a *práxis*, por sua vez, abrange todos esses saberes, concedendo consciência e cidadania aos povos.

Na perspectiva operacional, compreendida segundo o processo de assessoramento e pesquisa, o fazer pedagógico se apresenta mediante um discurso ético. “A ética, nesse sentido, se baseia no princípio da cidadania, responsável por projetar a formação de uma sociedade, na qual a convivência se fundamenta na solidariedade e no respeito às diferenças, ao considerar os valores primários da formação de cidadãos” (FRASER, 2007, p. 20).

Em termos conceituais, a ética é um compromisso de responsabilidade com o outro, que provoca os membros a exercitarem a consciência de cidadania, para favorecer o acesso

ao ponto de partida da *práxis* educativa, ratificada durante o processo de elaboração do material didático, por meio do letramento crítico. Nessa perspectiva, a “cidadania comporta direitos políticos, civis, econômicos, culturais e sociais, de forma que, a admissão, de qualquer exclusão ou redução de um desses aspectos, esvaziaria o sentido pleno e não promoveria a justiça social” (FRASER, 2002, p. 7-20).

A Escola Indígena se configura em espaços sociais e educativos de aquisição e elaboração de conhecimentos, com base em critérios reconhecidos na sua forma tradicional e vinculados à sua especificidade etnocultural (cf. BRASIL, 2013, p. 53), os quais se manifestam na produção de material didático nas suas múltiplas formas. Esses conhecimentos e critérios identitários denotam uma relação ontológica com os recursos naturais, que constituem um saber de extensão social, política e cultural, relativizando o caráter dogmático do saber pedagógico (COMBI, 2005, p. 632), promovendo um encontro entre uma epistemologia do material didático e saberes éticos de cada povo, propositivo à ética universal.

Para Dussel (1977), os saberes, provenientes dessa relação *proxêmica*, que caracterizam a ontologia do ser humano e seu mundo circundante, formam parte dos diversos conteúdos programáticos e das abordagens de reflexão da vida humana, em razão de explicitar formas de vivê-la, senti-la e percebê-la na sua totalidade e nas suas diferenças. Dessa maneira, a árvore dos materiais didáticos e paradidáticos é uma metáfora para mostrar a origem da produção de materiais didáticos e paradidáticos que estão integrados à cosmovisão dos povos indígenas, ultrapassando o tempo, trazendo o passado ao presente de forma didática em prol do fortalecimento das línguas e dos saberes indígenas.

Portanto, o artigo buscou descrever e analisar o processo de elaboração de materiais didáticos para o ensino de línguas, com a proposta de estabelecer um diálogo interdisciplinar entre a academia e os saberes tradicionais indígenas. Posto isso, o estudo indica novos caminhos para se repensar a elaboração de materiais didáticos pelos próprios professores indígenas, pois, desta forma, o produto será mais significativo, crítico, reflexivo, com possibilidade de valorizar a autonomia e a visão social de cada povo.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 9. ed. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação básica: diversidade e inclusão**. Brasília: Conselho Nacional de Educação; Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, 2013.

COMBI, Franco. **História da Pedagogia**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP.

COMBI, Franco. 2002. **Ensaio e Conferências**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia de Sá Cavalcante. Pensamento Humano. Petrópolis: Vozes, 2005.

DUSSEL, Enrique. **Filosofia da libertação na América Latina**. Tradução de Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola, 1977.

FRASER, Nancy. A justiça social na globalização: redistribuição, reconhecimento e participação. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 63, p. 7-20, 2002.

FRASER, Nancy. Reconhecimento sem ética? *Lua Nova*, n. 70, p. 101-138, 2007.

GUEDES, Jonas Marcos; SOUZA, Zezina Luciano de. A árvore dos peixes. *In: Disciplina de Produção de Materiais Didáticos para Ensino de Línguas*. PARFOR/UEA, São Paulo de Olivença, 2018.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1992.

HEIDEGGER, Martin. **Língua de tradição e língua técnica**. Tradução de Mário Botas. Lisboa: Passagens, 1995.

NICOLAIDES, Christine; TÍLIO, Rogério. O material didático na promoção da aprendizagem autônoma de línguas por meio do letramento crítico. *In: SZUNDY, Paula Tatianne Carréra et al. (orgs.). Linguística Aplicada e Sociedade: Ensino e Aprendizagem de Línguas no Contexto Brasileiro*. 1. ed. Campinas: Ponte, 2011.

RICOEUR, Paul. **Percursos do reconhecimento**. Tradução de Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2006.

SANTOS, Glademir Sales. 2016. **Territórios pluriétnicos em construção: a proximidade, a poiesis e a práxis dos indígenas em Manaus**. Manaus: UFAM, 2016. Tese defendida em 16 de dezembro de 2016, no programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas.

SEIXAS, Jacy Alves. **Halbwachs e a memória-reconstrução do passado**: memória coletiva e história. História. São Paulo: EdUNESP, 2001.